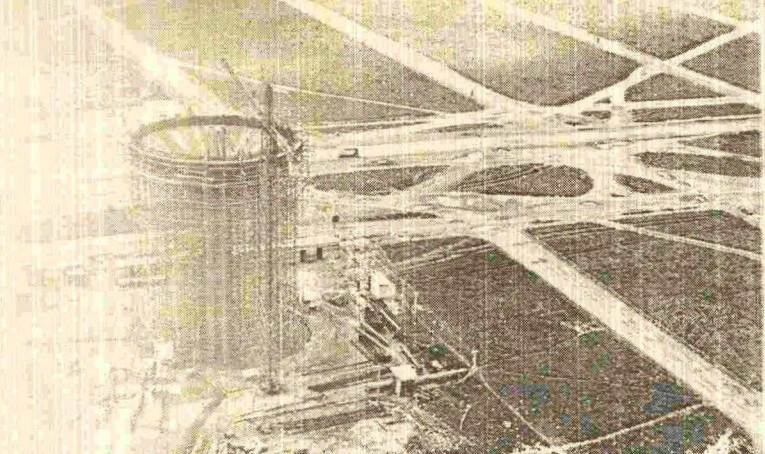


2006

## CEILÂNDIA

ONDE MORA HENRIQUE DE FREITAS



1973

Tudo do Nordeste tem ali, mas não apenas isso. Há comércio barato, comida boa e lugar para se divertir

## Terra ardente de vida

DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Evandro Matheus/Especial para o CB/16.4.06

**D**omingo, sol aberto, céu azul, calor escaldante. O relógio marca 12h40. Em ponto. A Feira Central da Ceilândia fervilha. Milhares de pessoas ocupam as dependências do tradicional ponto de encontro, que lembra, em tudo, os mercados nordestinos.

Nas centenas de boxes da feira, barracas com comidas típicas oferecem buchada, bode, sarapatel, galinha à cabidela, carne-de-sol, arrumadinho de charque, mocotó.... Açougues exibem carnes diversas, em pedaços ou peças. Por todos os lados, toneladas de verduras, condimentos, roupas, utensílios domésticos.

O local é ideal para quem deseja fazer compras ou para quem quer apenas relaxar, experimentar sabores regionais, beber uma cerveja gelada para aliviar o calor. Na parte interna e externa do espaço, os sotaques chegam a confundir: pelas gírias e cantilena, pode-se estar em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas, Sergipe, Piauí...

E de certa forma se está. Criada em 27 de março de 1971, a Ceilândia é a cidade mais nordestina do Distrito Federal: um terço dos habitantes veio de lá. Como a Região Administrativa é a que possui a maior população do Distrito Federal — hoje são 388,68 mil habitantes na cidade — pode-se afirmar, sem medo, que a cidade é uma pequena sucursal do Nordeste.

## Do agreste, do mar

O jovem Henrique de Freitas, 21 anos, nascido e criado nos arredores da Feira Central, é um exemplo típico do cidadão ceilandense. O pai, Simão, é goiano, a mãe, Elisa, é potiguar. O rapaz, que trabalha como porteiro num prédio da Asa Norte, cresceu entre as duas culturas.

Detalhe: certamente pela influência da Ceilândia, Simão, pai de Henrique, tem hábitos que se poderia denominar de nordestinos, como ir à Casa do Cantador — onde se pode apreciar a arte dos violeiros e emboladores. Além, de obviamente, ser um fã da comida caseira, e deliciosa, de dona Elisa, especialista, segundo o filho, em quitutes como camarão, carne-de-sol, sarapatel.

Nos finais de semana, impreterivelmente, quem quiser encontrar Henrique de Freitas pode passar nas barracas de comida típica que o encontrará degustando alguma iguaria nordestina. “Adoro buchada, sarapatel, carne-de-sol, bobó de camarão, mocotó. Sou fã pelo sabor e pelo preço”, conta Henrique, que desembolsa apenas R\$ 6 para se faltar com as especialidades vindas do sertão, do agreste, do mar.

Acompanhado da piauiense Antônia, sua namorada há um ano, ele visita a feira para comer, mas também para fazer compras. “Aqui é tudo a mão e muito mais barato. Compro calças, camisas e também CDs e DVDs”, explica Henrique, que revela: apesar de reconhecer que o Plano Piloto tem melhor qualidade de vida, não suportaria viver no local.

“No Plano, falo especialmente da Asa Norte, é tudo muito esquisito, tudo muito distante, muito caro e estranho. Para achar lojas de perfis variados, você precisa andar muito, porque não fica tudo no mesmo lugar. Aqui é mais a vontade, sem fricotes, é só chegar na avenida central e se tem tudo a mão. Sem contar que, na hora de pagar, é pelo menos 50% mais barato”, explica Henrique.

Aliás, ele acredita que tirando a Ceilândia, o único lugar que gostaria de morar seria a vizinha Taguatinga. E por poucos motivos. “Aqui falta um shopping, cinema, e temos problemas, de acordo com o lugar em que se está, com a violência”, diz o jovem.

## Falta salário

A violência, de fato, é um problema que aflige alguns setores da cidade. A própria Administração Regional admite que a cidade ostenta os maiores índices do Distrito Federal, mas isso se deve ao fato de ter a maior população. “Se levamos em conta a proporcionalidade, a cidade deixa de ser a mais violenta”, diz comunicado da assessoria de imprensa da R.A. que não informa os números precisos de ocorrências.

Muitos fatores contribuem para esse panorama. Apesar de possuir um forte setor terciário — são cerca de 4,5 mil estabelecimentos entre lojas e empresas —, a renda média familiar é baixa: números divulgados na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) registra que 53% da população ganham menos do que cinco salários mínimos.



Na feira, Henrique come do bom e do melhor do sabor nordestino. E compra o que precisa, de roupas a CDs, por preços até 50% mais baratos que no Plano Piloto para onde só vai em busca de trabalho. Nas noites de sexta e sábado, frequenta o bar de sua preferência, perto do cartão-postal da cidade, a Caixa D'Água



medo. Minha rotina é tranqüila”, diz Henrique, que costuma andar a pé ou do condução pela cidade, e cuja vida social se faz nos arredores da Feira Central.

Nos finais de semana, ele acorda, vai jogar futebol com os muitos amigos no clube do Serviço Social da Indústria (Sesi) da Ceilândia. É lá, também, que costuma praticar natação. Sempre às noites, reúne os amigos e a namorada, e se desloca para as dependências do bar Bier House, na QNN 1, um dos points mais badalados do pedaço, que sempre está cheio nas noites de sexta e sábado.

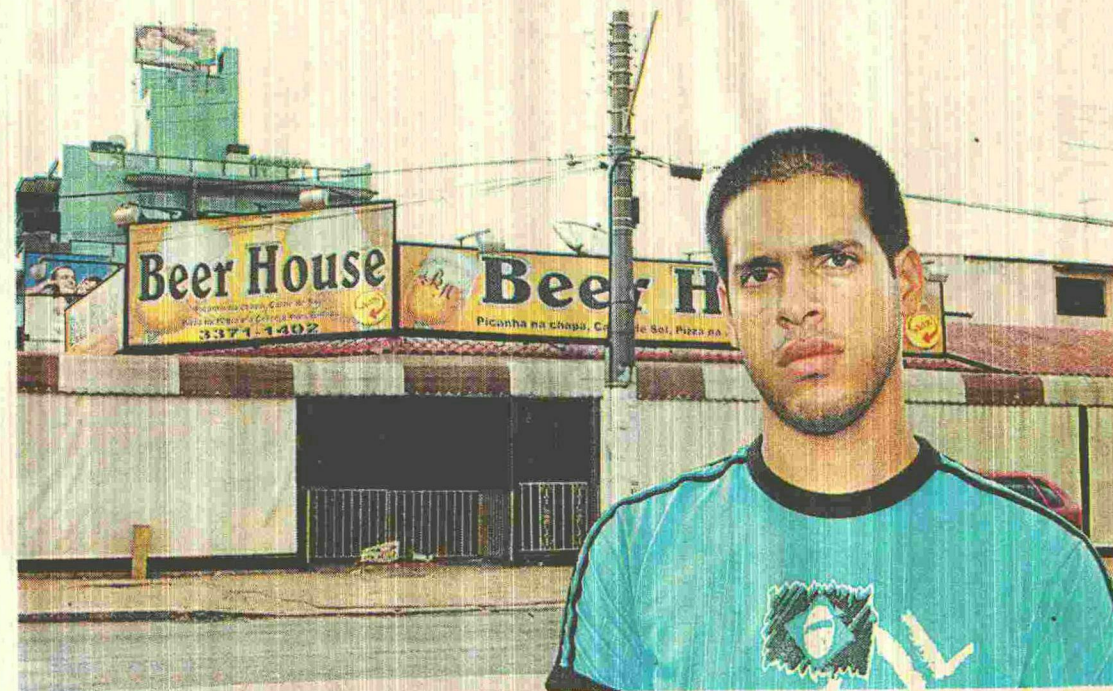
## Chope no ponto

“Lá é ótimo, pois tem música ao vivo, uma picanha e carne-de-sol deliciosas e, o melhor de tudo, um chope sempre gelado e no ponto”, diz o rapaz. Ele garante que o local — que fica próximo ao cartão-postal da cidade, erguido no ano 1973, a famosa Caixa d'Água — é calmo, e garantia de que não haverá brigas nem confusões. “O pessoal da cidade, com algumas exceções, é direito e da paz”, resume.

Outro lugar frequentado por Henrique é a Casa do Cantador, única obra projetada por Oscar Niemeyer no Distrito Federal, fora do Plano Piloto. Construída por nordestinos, o espaço sedia a Federação Nacional das Associações de Cantores, Repentistas e Poetas Cordelistas, além de ser, também, um albergue para os repentistas que visitam a cidade.

“Vou à Casa do Cantador sempre aos sábados”, diz Henrique, que costuma ir ao local acompanhando seu pai, Simão, um verdadeiro fã do lugar. “A gente vai ver embolada, violeiro, forró. Gosto, mas quem é fanático mesmo pelo local é ele”, confessa o rapaz que diz gostar de forró, música sertaneja e MPB.

Sonhos para o futuro? Henrique tem muitos. Fazer um curso de segurança, para se capacitar a trabalhos em bancos e empresas particulares é sua meta principal. A segunda é ter uma casa própria, pertinho dos pais. No mais, está tudo bom como está. “É bom viver por aqui.”



É o caso de Henrique, que mora com o pai, a mãe e a namorada, que trabalha como empregada doméstica, numa casa da QNN5. Mas ele não reclama. A casa do pai é própria, com apenas um pavimento, como 90% das moradias ceilandenses.

Com o que recebe, garante que vive sem problemas. “Dá para pagar minhas contas, me divertir, comprar umas bobagens”, diz.

Apesar de reconhecer que existe violência, não se sente ameaçado por ela. “Faço tudo sem